

CHICO BUARQUE E A MALANDRAGEM

Lucas Andrade dos Santos*

Resumo: *Este artigo tem em vista abordar a malandragem na obra musical do compositor Chico Buarque, fazendo um recorte na sua obra, usando as letras das músicas “Vai trabalhar Vagabundo”, “Homenagem ao Malandro” e “A volta do Malandro”, na perspectiva de decodificá-las como importantes expressões dessas sociabilidades. Pretende-se discutir também que, independente de haverem sido produzidas fora do período de maior “vivência da malandragem” – décadas de 1930 e 1940, e as mesmas durante a década de 1970 e 1980, foram e são de suma importância para a ampliação dessa expressão na música popular brasileira, bem como para ampliação do leque de músicas suas que têm em vista a denúncia social.*

Palavras-chave: Música; Sociabilidades; Malandragem

INTRODUÇÃO

Podemos dizer que Chico Buarque tem várias faces como compositor, graças a sua vasta obra sobre os mais diversos assuntos ao longo dos seus sessenta anos e mais de quarenta de carreira. Dentre os temas que ele nos apresenta, podemos destacar as mulheres, os trabalhadores, “os guris”, os malandros. É a partir dos malandros e do seu “terreno”, que o trabalho pretende seguir, fazendo um recorte na sua obra, usando as letras das músicas “Vai trabalhar vagabundo”, “Homenagem ao malandro” e “A volta do malandro”, na perspectiva de interpretar essa espécie de “instituição sociológica” que se apresenta também na música popular brasileira e no samba principalmente, recorrendo a uma perspectiva de análise a partir da História Social da Cultura.

No Brasil, em geral, a malandragem nas letras dos sambas tem maior destaque a partir da década de 1930, devido também às razões sócio-econômicas e políticas. No entanto o fato das letras que aqui serão interpretadas terem sido produzidas durante a década de 1970 e 1980, não impedem a inserção destas numa categoria de “música de malandro”, bem como serem passíveis de historicização, que é a pretensão do trabalho.

Além disso, suas canções em geral não refletem o imediatismo das circunstâncias da vida, todavia têm conteúdo social, talvez por isso a abordagem do compositor da malandragem no samba, até porque essas duas manifestações são como circunstâncias inerentes uma à outra.

No trecho referente à interpretação das letras, “Vai trabalhar vagabundo”, “Homenagem ao malandro” e “A volta do malandro”, estará a abordagem principal do artigo através de uma análise histórica a partir da História Cultural, que dialoga com fontes antropológicas também, o que pode possibilitar uma abordagem mais rica referente ao tema em questão.

“[...] Foi chamado de pivete e o seu retrato com as iniciais saiu com a tarja preta na coluna policial, autuado em flagrante como meliante [...] por simples porte de violão ou pandeiro – armas atribuídas à vadiagem” (SOUSA, 2004). Essa citação pode exemplificar também um pouco mais da relação do compositor com a malandragem, no começo dos anos de 1960, período de grande repressão policial a qualquer fato que afetasse o andamento do sistema e deixou o

Lucas Andrade dos Santos, estudante de História da UCSal, 5º semestre. E-mail: lucasasantos@bol.com.br.
Orientadora: Ione Celeste, Doutoranda em História Social, Professora de História da UCSal e UEFS

compositor em uma “situação de malandro”, mesmo que ele estivesse portando instrumentos musicais, o que poderia pressupor produção cultural. Fica evidente como o sistema reprimia e negava a nossa produção cultural; era a negação do que nós propriamente éramos.

MALANDRO E MALANDRAGEM: UMA DEFINIÇÃO

Segundo Houaiss, malandragem é a “esperteza, astúcia” (HOUAISS, 2001. p. 1817), além de outras definições e o malandro é aquele que “emprega recursos engenhosos para sobreviver” (HOUAISS, 2001. p. 1817). Essas sociabilidades são mais aparentes nas músicas e no samba, principalmente, que é um dos elementos de maior autenticidade da cultura popular brasileira.

Até chegar ao que fazemos idéia de malandro e malandragem, houve vários fatores históricos que influenciaram e os estabeleceram tais como são hoje. A princípio, a malandragem, por ela mesma, não é um fator construído em décadas, ela é herdeira de um processo de gerações de tipos, assim como a população brasileira.

A partir do final do século XIX e início do século XX, entre processos de espoliações, segregações e discriminações que acompanhavam também ideais de progresso, urbanização e desenvolvimento, vê-se também uma acentuação cada vez maior de diversificações de classe, acompanhando uma nascente classe operária, bem como o “nascimento” do samba, companheiro inseparável da “nascente” malandragem e do malandro, estes mais evidentes em letras de sambas produzidas durante as décadas de 1930 e 1940, como resultado dessa complexidade de influências, apesar de que se possam observar malandros e malandragem em peças, teatro, romances, entre outras manifestações artísticas.

Alguns elementos podem ser destacados para melhor entender o malandro, como sua disponibilidade ao ócio e à boêmia, seu status sagaz, relativizando sempre as impossibilidades, sua aptidão para o samba e para o carnaval, além de uma série de práticas “inconvenientes” à lógica dos que combatiam a malandragem, que estava inserida no contexto da ociosidade pela constituição de 1937 e era equivalente a crime, conforme artigo 136. Um outro fator importante é o seu “olhar crítico” sobre valores e circunstâncias impostas e a sua posição, por isso tanta crítica ao trabalho, à exploração e à exaltação ao hedonismo, entre outros fatores, usando elementos que o fazem reconhecer sua herança cultural como o próprio samba, e até porque ‘a instância das representações é em si, um campo de manifestação de lutas sociais e de um jogo de poder’ (PESAVENTO, 1995. p. 18), dando assim o seu “jeitinho”o malandro.

A malandragem e o malandro também são passíveis de interpretações variáveis, pois o próprio Chico na canção “Homenagem ao Malandro” trabalha uma categoria diferenciada de malandro, bem como sua peça “Ópera do Malandro”, que traz uma rica crítica ao capitalismo no período do Estado Novo.

A definição acima tem um caráter introdutório e não dá conta dos vários discursos que o malandro e a malandragem podem deixar em vista, porém serve de reflexão ao estudo do malandro que o compositor pretendeu abordar.

VAI TRABALHAR VAGABUNDO

Vai trabalhar vagabundo, vai trabalhar criatura, Deus permite à todo mundo uma loucura, passa o Domingo em família, segunda-feira beleza e embarca com alegria na correnteza, prepara o teu documento, carimba o teu coração, não perde nem um momento, perde a questão, pode esquecer a mulata, pode esquecer o bilhar, pode apertar tua gravata, vai te enforcar, vai te entregar, vai te



estragar, vai trabalhar, vê se não dorme no ponto, reúne as economias, perde os três contos no conto da loteria, passa o Domingo no mangue, Segunda-feira vazia, ganha no banco de sangue pra mais um dia, cuidado com o viaduto, cuidado com o avião, não perde mais um minuto, perde a questão, tenta pensar no futuro, no escuro tenta pensar, vai renovar teu seguro vai caducar, vai te entregar, vai te estragar, vai trabalhar, passa o Domingo sozinho, Segunda-feira desgraça, sem pai nem mãe, sem vizinho, em pé na praça, vai terminar moribundo com pouco de paciência, no fim da fila do fundo da previdência, parte tranqüilo ó irmão, descansa na paz de Deus, deixaste casa e pensão só para os teus, acriançada chorando, tua mulher vai suar pra botar outro malandro no teu lugar, vai te entregar, vai te estragar, vai te enforcar, vai caducar, vai trabalhar, vai trabalhar, vai trabalhar vagabundo (BUARQUE, 1976).

Expressões como “embarca com alegria na correnteza” (BUARQUE, 1976) e “pode apertar a gravata” (BUARQUE, 1976) exemplificam um pouco do espírito lúdico que impera no “vagabundo”, malandro que tem que apertar a gravata para se estabelecer na estética, no sistema, enfim na ordem imposta.

O compositor já logra no título estabelecer a complexidade do malandro no seu mundo, um homem que não teve oportunidades, educação e inclusão social em geral, pois também e geralmente é um descendente de escravo e que tem que se posicionar diante de uma realidade que mais uma vez não está ao seu favor.

É sabido que o contexto da malandragem remete às primeiras décadas do século XX, com a gradual ascensão urbana e industrial do país, que por fim o consolidou no contexto mundial do capitalismo, e nessa “balbúrdia” está o malandro, tendo que se integrar à essa realidade, não no sentido de marchar lado a lado com a lógica do sistema, pois ele representa a contra-hegemonia, margeando o universo entre o pode e o não pode. Além disso, dentro do processo histórico brasileiro, percebe-se que os oprimidos, que geralmente eram negros, estiveram à margem da sociedade também no que foi relevante à sua herança e produção cultural e como resultado está a figura do malandro que geralmente permeia circunstâncias como o domínio da capoeira, do samba, da religiosidade afro-brasileira, dentre outras características que o descrevem, como esta: “um profissional do “jeitinho” e da arte de sobreviver nas situações mais difíceis [...] entre o talento pessoal e as leis que engendram [...] o uso de [...] modos engenhosos” (DAMATTA, 1994. p. 102).

Chico Buarque nessa canção, mais que uma apologia à malandragem, aponta os “limites e decadência” da mesma, pois, ao passo que ele critica o sistema com “vai te entregar” (BUARQUE, 1976), ele já aponta uma mudança no ethos da malandragem.

A canção foi composta em 1976 e é uma rica reflexão sobre os de baixo que é um dos temas que mais usou e usa como forma de reflexão e denúncia da realidade de contradição da sociedade brasileira. Além disso, um aspecto muito intrigante na canção é o fato de o termo malandro ser pronunciado uma só vez na letra, sendo enfatizado a todo o momento seu caráter de vagabundo.

“Vai te entregar, vai te estragar, vai te enforcar, vai caducar, vai trabalhar [...] vagabundo” (BUARQUE, 1976), assim o compositor termina a composição, persuadindo-o a se entregar. Entendo essa entrega como a derrota, sucumbindo face ao choque das contradições que a canção descreve.

HOMENAGEM AO MALANDRO

Eu fui fazer um samba em homenagem à nata da malandragem que conheço de outros carnavais, eu fui à Lapa e perdi a viagem que aquela tal malandragem



não existe mais, agora já não é normal o que dá de malandro regular profissional, malandro com aparato de malandro oficial, malandro candidato a malandro federal, malandro com retrato na coluna social, malandro com contrato, com gravata e capital que nunca se dá mal, mas o malandro pra valer não espalha, aposentou a navalha, tem mulher e filho e tralha e tal, dizem as más línguas que ele até trabalha, mora lá longe e chacoalha num trem da central (BUARQUE, 1978. p. 103 e 104).

A canção faz parte de sua peça de teatro “Ópera do Malandro”, importante crítica ao americanismo e seus costumes justapostos em nossa sociedade. O próprio título da música evidencia sua proposta que é congratular o verdadeiro malandro que agora trabalha e não usa mais a navalha, ou seja, já não existe mais. É evidente a presença de uma certa nostalgia, que tem total relação com a resistência aos novos costumes e circunstâncias em geral, e ainda lembra uma espécie de “primeira” fase do compositor de músicas nostálgicas como “A Banda” e “Carolina”.

A letra é do ano de 1978, e a década de 1970 foi um período de grande produção e militância através de sua obra em geral, e quiçá, a mais importante, não no sentido de qualificação do que produziu, mas pelas constantes relações que suas músicas tinham com o imediatismo dos acontecimentos sociais e políticos daquele momento. Exemplifica a derrota do sagaz e aventureiro malandro que, durante muito tempo, “aceitou as regras” aparentemente, mas que não resistiu às ofensivas capitais. ‘A música popular cresce contemporânea da miséria, do desequilíbrio, do inconformismo, da rebeldia, [...] a música popular apresentava-se como uma das vozes da geral que desafinava’ (FAUSTO, 1984, p. 503). Por isso também uma dura crítica à sociedade política brasileira nessa canção que “nunca se dá mal” (BUARQUE, 1978, p. 103), sendo nesse momento um discurso diferente da malandragem, transcendido agora às malandragens políticas dentro do seu universo.

O fato de o autor usar a primeira pessoa do singular na composição exemplifica e fortalece mais ainda o significado da malandragem para ele. ‘O mundo social é também representação e vontade, e todo discurso contém, em si, estratégias de interesses determinados’ (PESAVENTO, 1995. p. 18). A canção se apresenta como uma grande reflexão sobre valores e pressupostos na sociedade brasileira tanto para o período histórico que a peça abarcava, quanto para o ano da sua produção bem como para os dias atuais.

A VOLTA DO MALANDRO

Eis o malandro na praça outra vez, caminhando na ponta dos pés como que pisando os corações que rolaram nos cabarés, entre deusas e bofetões, entre dados e coronéis, entre parangolés e pavões o malandro anda assim de viés, deixa balançar a maré e a poeira assentar no chão, deixa a praça virar um salão que o malandro é o barão da ralé (BUARQUE, 1978).

À primeira vista, depois de trabalhadas as músicas acima, quando se ouve ou lê “A volta do Malandro”, a impressão que fica mais evidente é a de que o malandro “ressuscita”, pois as duas abordagens, grosso modo, contam sobre a sua derrota de uma maneira geral.

A composição é do ano de 1985 e pode deixar em vista também aspirações políticas e sociais que contextualizam o momento. O destaque vai para a exaltação do malandro, pois, dentro do paradigma da ralé, ele é o barão, não o herói nacional; dentro dessa determinada leitura de mundo voltada para a resistência, esse um dos principais objetivos carregados e levados por ele. Principalmente através de suas ações e mesmo no espaço das representações, e independente de qualquer questão que a sociedade impunha, assim como foi o samba desde o seu nascimento

até a sua “aceitação” em geral como expressão de uma identidade cultural. Perceptível também é a presença dos personagens no universo da “desordem” e da boêmia, “fora” da realidade, como uma realidade utópica, sendo nesse momento compositor um grande ativador da memória histórica e cultural brasileira representada aqui pelo malandro e pelo conjunto de personagens que estão no seu “habitat” também.

A composição é também um chamado à cumplicidade do que nós somos, reforça-nos a pensar a nossa diversidade, bem como a do compositor que ficou mais uma vez evidente nessa canção com um ritmo que lembra o ijexá, tocado em alguns tipos de candomblé.

CONCLUSÃO

Este ensaio tem um caráter introdutório e não é o suficiente para abarcar toda a complexidade e amplitude do proposto, ou seja, é uma tentativa a partir de uma bibliografia especializada e fontes utilizadas de clarividenciar essa “instituição sociológica” que é a malandragem e que o autor com capacidade soube captar, mesmo não vivendo o momento de auge desse impasse entre o “otário” que não resistiu às “novas regras” e o malandro, sempre dando seu jeitinho, mesmo sucumbindo, como ficou explicitado acima, no imaginário de algumas letras das trabalhadas. O resultado desse impasse entre malandro e “otário”, malandro e “caxias” foi a gama de sambas que abordam o tema e que só servem para enriquecer ainda mais a música popular brasileira.

Chico Buarque, no momento da produção das músicas, aqui interpretadas, viveu um período em que já havia se consolidado a internacionalização do Brasil no Capitalismo, movimentos culturais como a Bossa Nova e o Tropicalismo já tinham seu espaço no Brasil também, enfim, a música popular brasileira atingira a sua “maturidade”, graças a Chico também e a sua vasta e rica obra. Logo, percebe-se que a nostalgia, bem como a capacidade do autor de dialetizar a realidade do malandro o influenciou bastante e norteou a produção dessas músicas.

A malandragem, como um dos “contrapelos” da sociedade civil brasileira e o malandro perderam espaço, pois a instrumentalização da razão proporcionou isso, os ideais de progresso e desenvolvimento deixavam esta mensagem. A negação do que nós somos ficou evidente quando Chico Buarque foi preso pelo fato de portar instrumento musical, quando, na verdade, era pelo fato de “marchar” contra a hegemonia imposta.

A edição nº 295, de 16 de junho de 2004, da revista Carta Capital sobre seus sessenta anos mostrou também como a prática da sua vivência, diante da sociedade, em geral, é a de um verdadeiro militante das causas sociais e de um verdadeiro apático com relação a nossa realidade contraditória, apesar de continuar militando e produzindo.

A música popular brasileira realmente não seria a mesma sem a contribuição de Chico Buarque. Ele deixa ao mesmo tempo “um grande terreno colhido” e um outro “terreno semeado” para que trabalhos como este possam ajudar também na compreensão e na educação de quem precise e de quem futuramente possa vir a ser malandros, como ele explicitou em “Meu guri”, “Até o fim”, entre outras. Com essa ajuda, poderemos encontrar a solução para vencer o pior dos malandros.

REFERÊNCIAS

BOLLE, Adélia B. de M. Chico Buarque, Literatura Comentada. São Paulo: Abril Educação. 1980.



CHALHOUB, Sidney. Cidade Febril. Cortiços e Epidemias na Corte Imperial. São Paulo: Cia. Da Letras, 1996.

DAMATTA, Roberto. Conta de mentiroso. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

_____. Carnavais, Malandros e Heróis, para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Guanabara, 1980.

_____. O que faz o Brasil, Brasil? Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

DIAS, Mauro. A maturidade do poeta. Carta Capital , política economia e cultura, pp. 59, ano X, nº 295, 16 de junho de 2004.

HOLANDA, F. B. de. Ópera do Malandro. São Paulo: Cultura, 1978, pp. 102-103.

HOUAISS / KOOGAN. Enciclopédia e Dicionário ilustrado. Rio de Janeiro: Delta. 1997.

NAPOLITANO, Marcos. História e música. História cultural da música popular. Belo Horizonte: Autêntica. 2002.

PARANHOS, Adalberto. Os desafinados do samba na cadência do Estado Novo. Nossa História. Rio de Janeiro, ano I, nº 4, pp. 16-22. fevereiro. 2004.

PESAVENTO, Sandra J. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. Revista brasileira de história. São Paulo. Vol. 15, nº 29. pp. 09-27. 1995.

RODRIGUES, Ana Maria. Samba Negro Espoliação branca. São Paulo: Hucitec, 1984.

SOUSA, Tárík de. Chico Buarque. Disponível em:
www.brasil.terravista.pt/claridade/1200/artchico.htm , acesso em: 11/05/2004.

VASCONCELOS, Gilberto e JÚNIOR, M. S. A malandragem e a formação da música popular brasileira. In: FAUSTO, Boris. História Geral da Civilização brasileira. São Paulo: Difel, 1984. pp. 503-523.

FONTES

BUARQUE, C. A Volta do Malandro, in: Chico 50 anos, O Malandro. Polygram. 1 CD. (39.34 min). Faixa 10 (2min e 49 s). Remasterizado em Digital.

_____. Homenagem ao Malandro, in: Ópera do Malandro. São Paulo: Cultura, 1978. pp. 102 e 103.

_____. Vai Trabalhar Vagabundo, in: Chico 50 anos, O Malandro. Polygram. 1 CD. (39.34 min). Faixa 1 (2min e 19 s). Remasterizado em Digital.